

# Pro-Vimaranense

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES  
PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL

1.º ANO — 3.ª Série  
Números 20 e 21

Director e editor: José Pinto Rodrigues ■ Administrador: Armando Andrade  
Guimarães, 10 de Dezembro de 1930

Redacção e Adm.: P. D. AF. HENRIQUES, 11.  
Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE

A' agitação das primeiras horas sucedeu já a calma. Depois da tempestade, a bonança. Depois dos inflamados discursos, os raciocínios serenos, as reflexões fundamentadas. Primeiro, as vozes alteradas — de um lado a voz de quem manda, de outro a voz de quem entende não sujeitar-se ao que considera prepotências... Agora estamos já na maré dos argumentos.

Não quizemos, na primeira fase desta questão importantíssima (uma das maiores, se não a maior e mais grave de todos os tempos da nossa vida administrativa) intervir. A nossa intervenção poderia ser mal interpretada. Sê-lo-ia, por certo. Conhecemos bastante o meio em que vivemos. Sabemos até que ponto as melhores intenções são, por vezes, julgadas com injustiça, com flagrante injustiça.

Hoje mesmo outra coisa não queremos que não seja, obedecendo aos nossos deveres de jornal local, deixar nestas colunas os elementos fundamentais do processo relativo à questão que se debate.

Porque assim é, damos a palavra às duas partes litigantes. Em primeiro lugar, como bem se compreende, à Câmara, representada pelo sr. vereador dos impostos. Depois à Associação Comercial e Industrial, representada pelo seu presidente. Referir-nos hemos também às razões apresentadas pelos mais directamente interessados, transcrevendo o que, em nossa opinião, mais relêvo merece, da representação entregue à Comissão Administrativa pela classe de fiação e tecidos de algodão.

Procedendo desta maneira julgamos cumprir o nosso dever.

Pode, porém, haver alguém que nos objecte: — e a opinião de vocês? — quem tem razão, segundo o vosso critério?

Ponhamos as coisas nos seus devidos termos.

Este jornal começa hoje a ouvir interessados. A todos dará a mais ampla liberdade, consentindo que digam tudo quanto julgarem necessário para a defesa dos respectivos pontos de vista. Sendo assim, nunca poderia, a não ser que enveredasse por um caminho pouco recomendável, manifestar desde já uma opinião, quando há ainda pontos obscuros a resolver.

E' um inquérito — chamemos-lhe assim — o que vamos fazer. Findo êle, daremos então, com imparcialidade, a nossa opinião.

Julgamos ser esta a atitude que devemos tomar. Desagradaremos, possivelmente, áqueles que por ventura entendam que deveríamos, desde já, tomar êste ou aquele partido, mas, em consciência, ficamos tranquilos, absolutamente certos de que uma vez mais obedecemos às superiores finalidades que tem em vista a colectividade de que somos órgão.

## A QUESTÃO DOS IMPOSTOS CAMARÁRIOS

Ouvindo o Sr. Vereador Couto e o Presidente da Associação Comercial. A representação da classe de fiação e tecidos de algodão. Definindo uma atitude.

O activo desta questão conta já, que nós conheçamos, com nada menos de quatro entrevistas: — duas do sr. Capitão Couto, ao «Diário do Minho»; duas do Dr. Rocha dos Santos, uma naquele mesmo jornal e outra na «Voz». Há, portanto, onde largamente se possa recolher material para uma completa e elucidativa exposição de factos. Apesar de assim ser, não quizemos tratar do assunto sem ouvir os representantes das duas corporações ora desavindas. Segue a baixo o que êles nos disseram e autorizaram que dissessemos.

\*

Ouvindo o Sr. Vereador dos Impostos — As entrevistas do «Diário do Minho».

O sr. capitão Magalhães Couto, vereador dos impostos e administrador do concelho, tem sido nestes últimos tempos a pessoa mais discutida de Guimarães. Atribue-se-lhe quasi que a exclusiva responsabilidade da atitude da Câmara, sendo por quasi toda a gente considerado como o autor da hoje célebre tabela dos impostos.

Com razão? Sem razão? — Seja como fôr, o certo é que o sr. capitão Couto não se arreceia dos julgamentos do público. Muito pelo contrário, está disposto a continuar no caminho que julga mais consentâneo com os interesses do concelho. Foi a impressão geral que nos ficou da entrevista que nos concedeu.

Facilmente justificado o nosso interesse em ouvi-lo, o sr. vereador dos impostos prontamente acedeu a deixar-se entrevistar, concordando em que, embora o assunto tivesse já sido rebatido com desenvolvimento nos jornais de larga circulação, isso não impedia os jornais locais de o abordarem.

— «Estranho até, diz-nos Sua Ex.<sup>a</sup>, que ainda o não fizessem. E estranho, sobretudo, que, em face de tão magno problema, não tenha já a imprensa local marcado devidamente o seu lugar.»

Explicamos que a nossa visita e o nosso desejo de o ouvir se filiavam precisamente no designo de contribuímos para que a questão ficasse definitivamente esclarecida.

«Devo declarar-lhe, antes de mais nada, que em absoluto reitero as afirmações que me são atribuídas na segunda entrevista

que concedi ao «Diário do Minho». Mantenho em absoluto os pontos de vista aí expendidos. Ninguém até hoje os rebateu com fundamentos sérios. Entendo, por isso, que o seu jornal deverá reproduzir dessa entrevista os seus pontos mais salientes. Dispensar-me-há, assim, de repetir o que já está dito.»

Demos razão ao nosso entrevistado. E por isso, antes de continuarmos com o relato da nossa conversa, para melhor ordenamento da matéria, transcrevemos, com a devida vénia, os seguintes períodos dessa famosa entrevista.

A uma pergunta do jornalista: — «verdadeiramente sobre a questão, sr. Magalhães Couto» — êste, depois de várias considerações de ordem geral, afirma: — «Ou Guimarães vence esta campanha, agora, e entra definitivamente no caminho de rasgados melhoramentos, valorizando o património de monumentos artísticos, históricos e arqueológicos que lhe coube em herança, ou terá de continuar, sabe Deus por quanto tempo, a vida de apatia e de marasmo que tem sido, nestes últimos tempos, o seu triste viver». «Isto não é nem pode ser obra de um só, nem de poucos. Tem de ser obra de todos os vimaranenses a quem devem ser exigidos esforços proporcionais, (para serem justos) às forças de cada um.»

Justificação da tabela dos Impostos. A classe textil e a agricultura. Os artigos tributados.

Para demonstrar a tese de que na confecção da tabela dos impostos seguiu um critério de justiça e de que pensam erradamente os que entendem que a lavoura deveria ser também contribuída:

«A' face de documentos de que se fazia acompanhar, o sr. Magalhães Couto prosseguiu:

— A indústria textil em Guimarães, segundo dados que pude colher, trabalha um quantitativo de algodão que deve andar à roda de 6.000 toneladas. Deixo de propósito em paz um número que ouço por vezes apresentar — 10.000 toneladas, — que, se fôsse exacto, só reforçaria, em muito, a demonstração a fazer.

Uma das mais importantes empresas de fiação e tecelagem em Guimarães é a «Fábrica de Fiação e Tecidos de Guimarães»,

vulgarmente conhecida por «Fábrica de Campelos».

Esta empresa, com os seus 28.000 fusos, tem capacidade para trabalhar 1.500 a 2.000 toneladas de algodão o que quer dizer que poderá trabalhar 1/3 de algodão que toda a indústria de Guimarães consome.

A tributação que incide no ano económico de 1930-31 sobre esta empresa é em números redondos: Parte do Estado... 581 contos

Percentagem para a Câmara Municipal 57 »  
onde é fácil concluir que a restante indústria de fiação e tecelagem deveria pagar, pelo menos, e relativamente aos 2/3 da totalidade do algodão.  
Ao Estado 581x2. 1.162 contos  
à Câmara 57x2... 114 »  
Porém apenas paga ao Estado... 210 »  
à Câmara... 24 »

Vê-se pois que a empresa de Campelos, trabalhando somente um têtço do algodão, paga ao Estado e à Câmara um total de imposto que é quasi 3 vezes o que pagam todos os outros industriais textis do concelho, que trabalham, aliás, o dôbro da matéria prima.

Retenha na memória êstes números e passemos a analisar outra série dêles.

A lavoura de Guimarães, por uma estatística publicada há tempos pelo illustre engenheiro sr. dr. J. da Mota Prego, cria no concelho uma riqueza computada em 22.000 contos.

Como metade dessa importância é necessária ao amanho da terra e lucro dos caseiros, segue-se que aos proprietários apenas cabem 11.000 contos.

A exactidão desta verba pode ser verificada pelo valor que, na Repartição de Finanças, se dá ao rendimento colectável da propriedade rústica do concelho: 9.300 contos.

Pois 11.000 contos, rendimento da propriedade rústica cativos das despesas de administração, sulfato, enxofre, etc. pagam ao Estado . . . . 1.353 contos  
à Câmara . . . . 318 »

Total . . . 1671 »

Compare-se este número com o que representa a tributação do Estado e percentagem da Câmara paga por toda a indústria algodoeira — 870 contos, — assim obtida:

ao Estado: Campelos . . . . 581 contos  
Por todos os outros fabricantes de tecidos de algodão. 210 »  
à Câmara: Campelos . . . . 57 »  
Por todos os outros fabricantes de tecidos de algodão. 24 »

Total . 872  
Notemos ainda que a Indústria

e Comércio se encontram no concelho de Guimarães tributados pelas licenças Camarárias para o exercício de Comércio e Indústria o que representará para a indústria textil de todo o Concelho um encargo não superior a 60 contos aos quais ainda se devem juntar uns 20 contos pela derrama especial para a construção dos novos paços do Concelho.

Assim teremos a indústria textil de Guimarães com uma tributação.

Ao Estado . . .	581
	210 791
à Câmara . . . .	57
	24
	60
	20 161
	-----
	952 C.

A agricultura do concelho com os seus mesquinhos 11.000 contos, paga de contribuições:

Ao Estado . . .	1.553 contos
Ao Municipio . . .	318 »

Total . . . . 1.671 »

A indústria algodoeira, consumindo 6:000 toneladas de algodão cujo valor actual ultrapassa setenta mil contos e gera produtos manufacturados cuja valia em caso nenhum é inferior a cento e trinta mil contos, paga

ao Estado . . .	791 contos
ao Municipio . . .	101 »

Total . . . . 952 »

Continuando a expor:

— Por aqui se vê, meu amigo, que desejando a Câmara, pelos novos impostos, uma verba de 480 contos, nem que ela recaisse toda inteira sobre a indústria textil, isso apenas representaria para este uma tributação total de 1432 contos, quando a indústria agrícola que, em face da textil, é, no concelho, de importância secundária a de lucros infinitamente menores, está sob uma carga tributária de 1.671 contos!...

Mas a indústria textil não ficaria só. O Comércio também ajudaria.

— Que diz ainda V. Ex.<sup>a</sup> sobre os artigos tributados?

— Tributaram-se, diz o Sr. Dr. Rocha, mais de 100 artigos que nunca foram colectados pela Câmara.

Tal facto apenas significa que não havia tributação indirecta em Guimarães, o que muito é para admirar, atendendo-se à pobreza do erário municipal.

E' dos mais elementares conhecimentos que o imposto, para ser justo, tem de atingir a todos, e, para isso necessário se torna que a importância total a obter da tributação, seja diluida pelo maior número possível de artigos. Só assim será justo, pois só assim haverá a certeza de que ele alcançará, senão a todos pelo menos o maior número de contribuintes.

O estado actual da questão. Em que applicará a Câmara o dinheiro que venha a receber.

Voltemos agora à nossa entrevista. Como já dissemos atrás, S. Ex.<sup>a</sup> começou por se referir com estranheza à atitude da imprensa local. Palavras exactas:

«Ora ainda bem que veio!...

«Tenho estranhado que a imprensa de Guimarães, que tanto interesse tem mostrado pelos melhoramentos de todo o concelho, no momento em que se debate um grave problema de cuja solução dependem inteiramente esse progresso e esses melhoramentos, guarde um silêncio que pode ser muito mal interpretado, tanto

mais que certos correspondentes de jornais estranhos ao concelho, teem-se empenhado em criar à Câmara um ambiente de hostilidade que, não sendo justificado por coisa alguma, mal se compreende!...

Objectamos, por nossa parte, o que nos pareceu razoável. Depois, a entrevista seguiu seu rumo. Disse o sr. vereador dos impostos:

«A fase aguda do caso parece ir declinando, graças à benéfica intervenção do illustre Governador Civil do Distrito, o que permitirá a todos os interessados discutir serenamente o problema, achando-se e adoptando-se, tenho disso a certeza, a solução que mais convirá ao progresso e engrandecimento do concelho de Guimarães».

Uma vez assente a tributação, preguntamos, e consolidado o desafogo do tezouro municipal, quais os trabalhos a que a Câmara se dedicará imediatamente?

(Esta pergunta impunha-se. A Câmara é acusada de apatia. Nós próprios disso a temos acusado já, e com razão, e na melhor das boas fés.

Tendo os impostos, segundo as declarações do sr. vereador Couto atrás exaradas, a finalidade de promover o engrandecimento e melhoramento da cidade e concelho, justo, justíssimo era que procurássemos saber em que seria applicado o dinheiro que a Câmara cobrasse).

Disse-nos o nosso entrevistado: «Só posso dar-lhe a esse respeito um parecer inteiramente pessoal...»

— Embora...

«Entendo que além do problema de abastecimento de água à cidade, já em via de solução, os primeiros trabalhos da Câmara deverão orientar-se pela necessidade de dar a toda a população uma maior hygiene de ruas e habitações».

«Para isso serão cortadas algumas ruas em pontos onde a sua abertura não seja demasiado custosa e muito aformosearão a cidade. Construir-se-hão nelas, quer por iniciativa da Câmara, quer por iniciativa particular, prédios em quantidade e com as características necessárias para agasalhar, em habitação comoda e barata, a parte da população citadina que hoje se amontoa em alguns locais da cidade, numa promiscuidade que arripia, sem hygiene e sem conforto, o que a torna quasi sempre vítima sem defesa da implacável tuberculose».

«Sem dinheiro nada poderá fazer-se. Negar que há absoluta necessidade de obras é um contracenso, é, manifestamente, pôr inteiramente de lado a verdade. Ora, sendo assim, como pode a Câmara desempenhar-se da sua missão, se não tem o indispensável para isso?

«Eis no que todos os vimaranenses devem pensar. E depois de pensar, que digam, em consciencia, quem tem razão»...

«Para terminar repito-lhe o que já disse a um colega seu: Sei muito bem as dificuldades da posição que occupo. Quanto mais agradável me seria, como já foi visto, distribuir pelo Comércio e Indústria, ao menos, uma centena de contos, em lugar de lhes exigir que concorram para o erário municipal, com algumas centenas deles, uma importância que todos sabem ser indispensável para levar a cidade e concelho ao grau de progresso já atingido por outras terras que dispõem, todavia, de

muito menores recursos. Eu agradaria mais, assim, talvez, ao Comércio e à Indústria, mas faltaria sem dúvida, aos mais elementares devêres do cargo que occupo, porque pelo interesse de uma classe eu desprezaria os progressos, os mais altos interesses de um país inteiro».

\*

Ouvindo o Presidente da Associação Commercial. — Possibilidade de um entendimento. Um desmentido.

O dr. João Rocha dos Santos, presidente da Associação Commercial, cargo que desempenha com grande zelo e dedicação, devia ser o nosso segundo entrevistado. Sabendo que elle não poderia dispor de muitos momentos, pois de todos precisa para o exercício da sua profissão de advogado, fizemos-lhe sómente três perguntas. As respostas foram dadas com a firmeza e energia que são características do temperamento do nosso entrevistado.

Eis as perguntas e as respostas:

— Qual a sua opinião sobre a nova tabela dos impostos?

— A tabela dos impostos municipais, que a Comissão Administrativa da Câmara muito creteriosamente suspendeu, afigura-se-me inexequível, porque abrange artigos que, por lei, estão isentos do imposto municipal, e porque as suas taxas são tão exageradas, que é impossível suportá-las. Garanto-lhe, sem receio de um desmentido, que não há no País tabelas de impostos municipais com taxas tão elevadas!

— Nêsse caso é impossível um entendimento entre a Comissão Administrativa e as classes que a Ass. Com. e Ind. representa!

— Pelo contrário. Precisamente por isso é que a Câmara tem de reconsiderar. De resto estou plenamente convencido de que esse acôrdo deve estar feito dentro em pouco tempo. Em nome do comércio e indústria dêste concelho, propuz à Câmara, por intermédio do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Civil uma solução honrosa para todos, que a Câmara deve aceitar.

Se na Comissão Administrativa estão vimaranenses com o desejo de servir a sua terra, as classes commercial a industrial são compostas também de bons vimaranenses que teem a aspiração de vê-la progredir.

— Nada mais quer dizer sobre tão importante assunto?

— Na «Voz» e no «Diário do Minho» colloquei já o problema no pé em que devia ser posto, tendo, para isso, de rectificar afirmações no Sr. José Magalhães Couto que não estavam de harmonia com o que se tinha passado. Nada mais tenho a acrescentar ou alterar.

O Sr. Magalhães Couto que, contra as disposições da lei é administrador do concelho e vereador dos impostos e da luz, com a cidade às escuras, na última entrevista que solicitou ao «Diário do Minho», disse que para servir Guimarães (servir Guimarães para S. Ex.<sup>a</sup> é criar impostos ilegais e pesadíssimos) havia de «empregar todos os meios que lhe fôsem à mão». E' por isso, por «se servir de todos os meios» que S. Ex.<sup>a</sup> afirma que eu apareci no Governo Civil como advogado de uma classe, que nunca assistiu no Governo Civil a reúnção alguma como delegado plenipotenciário da Câmara, mas sempre como negociador. Ainda por «se servir de todos os meios» relatou a seu modo uma conferência

que com S. Ex.<sup>a</sup> tive no Largo 13 de Fevereiro para o «sondar» acerca das possibilidades de a Câmara suspender toda a tributação até ao começo do ano económico de 1930-31.

Se o Sr. Magalhães Couto escolheu os meios para atingir o que deseja havia de lembrar-se muito bem do seguinte: que sempre fui ao Governo Civil como presidente da Associação Commercial e Industrial defensor dos legítimos interesses de todas as classes que esta colectividade representa; que perante o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Capitão Carabana, então Governador Civil dêste distrito, tomou o compromisso, em nome da Câmara, de não se lançarem impostos sem um prévio entendimento com as classes interessadas e que não «o soudir» mas com toda a franqueza lhe disse que era preciso evitar conflitos entre as classes representadas pela Ass. Com. e entre elas e a Câmara.

A representação da Classe de Fiação e Tecidos de Algodão. — Algumas das suas passagens mais salientes.

Há dias foi entregue à Comissão Administrativa da Câmara Municipal, pela Classe de Fiação e Tecidos de Algodão, uma extensa representação, na qual são concretizados alguns argumentos em resposta às afirmações feitas pelo Sr. vereador dos impostos na entrevista, que nessa parte já transcrevemos, concedida ao «Diário do Minho» e publicada no dia do 20 do mês findo.

Diz-se nessa representação:

«Não deve Portugal sonhar em afrontar a concorrência estrangeira, antes tem que se preparar para ser vítima imbele dum dumping feroz, se como alguém ingenuamente creem, entende que lhe basta confiar unicamente a defeza às protecções pautais.

Ora que acontece?

Acontece que, sem unidade de pensamento nem conjugação de fôrças, a indústria algodoeira, perante um *superavit* de produção traduzido em 30 milhões de metros de tecidos por ano que não encontra colocação no país nem fora dêle, anda como que estonteada, aflitissima, quasi mais implorando do que pedindo aos Poderes Públicos que acudam compassivos aos seus males!»

Justificando o descontentamento da indústria:

«A verdade é que, quando para as coisas dêste mundo se não encontra justificação possível, é fácil obter pelo menos a aparência dela.

Foi o que aconteceu a S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Capitão Couto, quando explicou:

«A indústria textil em Guimarães recebeu 65 % de abatimento na contribuição do Estado, o que equivale a uma verba superior a 800 contos».

Encaixada nesta baiva, apenas a Câmara lhe exige uma importância que não chega a 500 contos».

Ora aqui está a razão por que a indústria textil deveria ficar toda contente: porque «encaixada na baixa», deixando de pagar 800 contos ao Estado, a Câmara apenas lhe exige menos de 500 contos!

Este apenas exige é um acto de magnidade muito penhorante, e sê-lo-ia duplamente, se o raciocínio de S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Capitão Couto não claudicasse lamentavelmente.

Em primeiro lugar, não é absolutamente verdadeiro, que a indústria textil de Guimarães recebesse o abatimento de 65 %.

O que o illustre vereador Snr. Capitão Couto queria dizer, se o não traísse o pensamento ou tivesse mais perfeito conhecimento de causa, é que a indústria textil de Guimarães, colectada pelo Grupo C do Decreto n.º 16.731, tendo representado a S. Ex.ª o Snr. Ministro das Finanças, com absoluta verdade e a suprema eloquência dos números, que estava excessivamente tributada em confronto com sociedades congêneres doutros concelhos, foi desagravada dêsse ónus excessivo, com o abatimento de 65 % e colocada num justo pé de igualdade.

Mas a indústria textil colectada segundo o disposto no Grupo B do referido Decreto, em que está compreendida a gloriosa Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães?

Essa, e dizêmo-lo com um confragimento muito sentido, a despeito das suas constantes representações e instantes pedidos, ainda não foi aliviada absolutamente em nada do gravame espantoso e verdadeiramente insupportável da sua tributação industrial, estando a pagar ao Estado, com sacrificio inaudito, uma colecta que bem pode computar-se em bastantes vezes superior àquilo que deveria pagar, em relação às empresas congêneres do Grupo C. E' espantoso, mas inteiramente verdadeiro!

Sobre diferença de salários e horas de trabalho:

«Responderemos muito plácida-mente, quanto a salários, ou como S. Ex.ª quer, honorários, que o Snr. Capitão Couto sabe na matéria muito mais do que nós, que nunca soubemos apreciar o valor dessa pregoada diferença; mas, se alguma existe, e demos de barato que assim seja, junte-se esse quantitativo, que deve ser bem insignificante, ao resultante das duas horas de trabalho (e quanto mais de duas horas suplementares se trabalha em outros concelhos, Santo Deus!), e tudo será preciso, escassamente preciso, para compensar, na Província, a enormíssima despesa de fretes na introdução de todas as matérias primas, e na expedição, em geral para o Porto, que tam mal nos julga, e é o nosso verdadeiro entreposto comercial, de todos ou quasi todos os produtos manufacturados.

E não atende ainda S. Ex.ª o Snr. Couto, que o operariado do Porto é muito mais produtivo, por isso que é recrutado num meio culto, ao passo que o da Província em regra deriva de aldeias afastadas, onde impera o analfabetismo e a ignorância mais supina, produzindo nas fábricas estragos incalculáveis durante o seu longo período de tirocinio?

Isto para S. Ex.ª não vale certamente nada!

Nós também não podemos infelizmente convencer os que não desejam tirar as conclusões naturais das verdades claramente demonstradas».

As possibilidades de espaço dêsse jornal devem estar já excedidas. Necessário, portanto, suspender. O que nestas colunas fica arquivado é já bastante para que todos os vimaranenses possuam elementos que os habilitem a julgar com conhecimento de causa o fundo desta momentosa e grave questão dos impostos camarários, questão que nós muito desejaríamos ver resolvida de forma a ser assegurado o progresso e o desenvolvimento da cidade e do concelho.

## EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

### Algumas propostas notabilíssimas do Dr. Eduardo d'Ameida

(Continuação)

Se a tam benigna paciência dos meus colegas não está ainda esgotada, eu pedir-lhes ia que assentissem num pequeno inquérito às nossas escolas primárias. A tudo quanto somadamente se tem dito do valor e da função da escola primária, nós temos, por fôrça das circunstâncias actuais, a acrescentar duas razões da mais alta gravidade:

- a) a de obstartmos ao êxodo da emigração, que nos está levando o melhor, o mais puro, o mais rútilo sangue das veias;
- b) a de tomarmos definitiva consciência de que somos um povo de colonizadores, de que possuímos vastíssimas colónias, que são ainda nomes e terra de Portugal.

E o amor à terra de Portugal, o culto da nossa terra, como fôrça económica e como fôrça espiritual, são mais que horas de carinhosamente o ascender e aviventar no coração da criança por meio da escola. Mas êsse carinho não pode só manifestar-se nas palavras do mestre, por mais sentidas, enérgicas e inteligentes, mas substancialmente em actos. Nas escolas primárias rurais seria muito acertada medida tornar obrigatório, *um pequeno curso de trabalhos agrícolas*, para os rapazes, de *indústrias e labores femininos*, para as raparigas; nos centros mais populosos, e na escola central, *um pequeno curso colonial*, franqueado a todos os alunos que o desejassem; em tôdas, deveria ser obrigatória a leitura, duas vezes por semana, de páginas escolhidas, à medida dos alunos, da nossa história, tanto no esforço pela independência, como dos descobrimentos, páginas das vidas dos nossos heróis, dos nossos mártires dos nossos artistas...

Dadas as relações existentes entre as várias freguesias do concelho, relacionadas por interesses económicos e até familiares, altamente conveniente se me afigura que o professorado procurasse conviver para melhor assentar uma acção comum, na larga esfera das suas atribuições, além das taxativamente officiais, para o que esta Sociedade com muito gôsto se lhes oferece, e haveria assim ensejo, da nossa parte, a umas pequenas palestras, de carácter pedagógico, como aquelas que eu tive a honra de apresentar em sessão de 21 de Marco de 1923, iniciativa que renovo, propondo se officie a todos os professores primários do concelho para que sobre isto se pronunciem, pois, em caso da sua anuência, poderiam indicar um dia para dar início a êsses trabalhos.

Simultaneamente com êsse convite, julgo acertado, para melhor assentarmos numa acção futura, quanto a êste ramo da instrução, dirigir-lhes um inquérito, muito simples:

- a) qual a média da frequência e sua relação com a população da área;
- b) regularidade ou irregularidade da frequência, épocas em que mais se nota, causas que lhe atribui;
- c) condições higiénicas da escola, reformas indispensáveis;
- d) condições físicas dos alunos, doenças a que são mais achados;
- e) se haveria possibilidade, sobretudo na estação invernos, de ter uma cantina, onde lhes fôsse fornecida uma refeição quente — esquema de um orçamento.
- f) qual a percentagem dos filhos de lavradores caseiros, que freqüentem a sua escola; a que classes pertencem os outros;
- g) acumulam alguns com os trabalhos escolares, outras tarefas, domésticas, na lavoura e na indústria, e quais;
- h) há na sua freguesia operários ou artífices e de que espécie; ocupam-se as mulheres nêsses trabalhos, e em quais;
- i) em geral, tem notado fácil receptividade dos alunos no estudo, ou morosa a aprendizagem; nêste caso a que a atribui;
- j) tem notado algumas aptidões, e de que género;
- l) os alunos ou alunas, que saiem da escola com o seu curso terminado, a que vão dedicar-se; voltam à classe a que pertencem ou procuram outras e quais de preferência;
- m) em relação ao número de matriculados, quantos acabam o curso e quantos saiem em antes;
- n) se tem notado decrescimento na população, quais as causas;
- o) accusam alguns alunos uma ascendência doentia ou degenerada, e de que espécie;
- p) tem recebido algumas recomendações particulares dos pais sobre a instrução ou educação de seus filhos, e em que sentido;
- q) como se alimentam, em geral, os alunos que freqüentam a sua escola;
- r) tem havido, na sua freguesia, casos de varíola, garrotilho ou outras doenças epidémicas;
- s) há casos de tuberculose infantil;
- t) tem-se propalado o alcoolismo e a sífilis;
- u) as pessoas ricas ou remediadas tem mandado beneficiar a escola e por que modo;
- v) tem encontrado apoio moral nos proprietários, comerciantes, pessoas de certa situação;
- x) não lhe parece útil a criação de um boletim, jornal ou revista do professorado primário, que, sem perder de vista os legítimos interesses da classe, se destinasse sobretudo à propaganda de conhecimentos úteis, que o pudessem orientar e até mesmo estimular;

A êste questionário podem os senhores professores aditar quaisquer esclarecimentos ou subordiná los às considerações que tiverem

(Continua na quarta página).

## Museu Alberto Sampaio

Por mais de uma vez tivemos de referir-nos à chamada questão do Museu Alberto Sampaio, especialmente à campanha que um colega nosso sustentou em tempos contra a pessoa que estava encarregada da direcção das obras de reconstrução e restauração. As nossas palavras sobre o assunto foram sempre serenas. A posição que tomamos no caso era, assim o entendemos ainda, a melhor, a mais correcta. Não agradamos, porém, nem a gregos, nem a troianos. Chegamos até a ser censurados por aquêles que entendiam que deviamos tomar decididamente partido pro ou contra. Respondemos então aos censores que não enfileiravamos nas hostes de um ou de outro lado por entendermos que só o poderíamos fazer depois de tudo devidamente esclarecido, e que a única maneira de tudo se esclarecer seria a efectivação de um inquérito de que devia ser encarregada pessoa que merecesse inteira confiança a uns e a outros.

Recordamos êstes factos porque alguém que nos merece a maior consideração, desconhecendo naturalmente o que fica dito, nos atribuiu uma attitude que nunca tivemos, nem pensamos ter. Hoje, como ontem, continuamos a afirmar a necessidade de um inquérito para terminar de vez com tôdas as questões, com tôdas as dúvidas, com tôdas as suspeitas.

Creemos que deixamos assim bem definida a nossa attitude. E não mais voltaremos a falar no assunto, que é daqueles que muito aborrecem quem tenha de se lhes referir.

## Pro-Vimarane

O facto de nos referirmos com grande desenvolvimento — o desenvolvimento que aliás, o magno assunto merece — à questão dos impostos camarários, impede-nos de publicar alguns originaes em nosso poder, assim como toda a secção «Ecos, Notícias e Comentários». Entre os artigos que assim ficam retidos, para serem publicados nos próximos números, avulta especialmente o que se refere à *iniciativa da construção de um teatro em Guimarães*, iniciativa que, como é já do conhecimento público, teve de em virtude de dificuldades julgadas insuperáveis, ser posta de parte, para se começar ventilando o projecto de adaptar o velho D. Afonso Henriques. Tendo êste jornal pugnado com o maior entusiasmo e com grande fé — hoje, infelizmente, tornada em dolorosa desillusão — pelo êxito da bela iniciativa, poder-se-hia extranhar que não se referisse com o necessário destaque às circunstâncias que motivaram o seu inêxito. Para que tal não se dê, aqui deixamos exarada esta explicação, com o anúncio de que começaremos no próximo número a expor a nossa apreciação sobre o caso.

Aos estimados colaboradores cujos originaes ficam retardados apresentamos desculpa.

Este número foi visado pela comissão de censura.

## Campanha Agrícola

Como é do conhecimento dos leitores, encontra-se actuando no concelho de Guimarães, a 2.ª Brigada Técnica da Campanha da Produção Agrícola.

Disse H. Marques da Cunha, engenheiro-agrônomo, adjunto da mesma brigada:

A área da acção da brigada estende-se a 15 concelhos, entre os quais se conta o de Guimarães.

A Missão Agrícola funciona de delegação da brigada.

— Quais os meios de que tencionam servir-se para atingir os fins em vista?

— São vários, mas todos de resultados práticos assegurados:

a) Estabelecimento de campos de demonstração dos modernos processos de cultura; nestes campos, trabalham máquinas pertencentes ao Estado, cujo funcionamento é ensinado aos lavradores, pelos técnicos da brigada; os adubos químicos são fornecidos gratuitamente, o mesmo acontecendo, muitas vezes com a semente seleccionada.

b) Fornecimento de pessoal habilitado, para execução de podas de oliveira, fruteiras e oliveiras.

c) Resposta a consultas sobre assuntos respeitantes à indústria agrícola.

d) Assistência técnica, junto dos Sindicatos Agrícolas e outras associações de lavradores.

e) Realização de palestras e conferências.

f) Passagem de *films* agrícolas.

A propósito: a fita do milho, que tem estado a ser exibida no Palácio de Cristal, durante a última exposição, foi, em grande parte, filmada na Escola Agrícola de Santo Tirso, séde da brigada a que pertence.

— O que teem feito já?

— Até agora, já temos instalados, só no concelho de Guimarães, 8 campos de demonstração da intensificação das culturas do centeio e trigo, pelas adubações químicas, temos tido, também, a trabalhar uma charrua moderna e uma grade de molas, cujo trabalho perfeitíssimo tem sido reconhecido por todos.

Como sabe, esteve instalado, durante 10 dias, no Sindicato Agrícola, um escolhedor de trigo e centeio para semente.

Muitos foram os lavradores que dele se utilizaram (seleccionou cerca de 1500 litros de cereal) e, se não tivesse de seguir para outro concelho, muito maior seria o seu trabalho.

— E interesse?

Confesso-lhe que só depois de muitos dias de persistente actividade, conseguimos que fosse surgindo esse interesse, da parte dos lavradores.

Hoje, tenho a convicção que é com verdadeiro entusiasmo que muitos deles seguem os nossos concelhos e aproveitando os ensinamentos práticos que lhes fornecemos.

Já atingem um numero muito elevado as consultas sobre os mais variados assuntos de interesse agrícola, a que temos respondido.

— E o que se seguirá?

— Brigadas de podadores, perfeitamente habilitados, trabalharão nas propriedades dos lavra-

## VEM A NEVE A CAIR...

Não tarda aí o frio, ó creancinhas pobres,  
E o que há-de ser de vós núsinhas, ao relento!...  
Vem a neve a cair mais fria de que os dobres  
Dos sinos a defunto, e do bramir do vento!

Vem a neve a cair em flocos do espaço  
E vem cobrir a terra, e os colmos, e os telhados...  
Jesus! Faz suspender o impiedoso braço...  
Que o mundo tem milhões de nús, de desgraçados!

Vem a neve a cair de dentes muito brancos  
A rirem com rancor de todos vagabundos  
Que não teem um lar e dormem nos barrancos  
Unidos, peito a peito, e horrivelmente imundos!...

Vem a neve a cair de manso, de mansinho,  
Como um ladrão que vem roubar-nos a herdade...  
E que prazer que sente em vir devagarinho,  
E ver tombar gelada a triste humanidade!

Vem a neve a cair, alvo bragai e cêdo  
Mortalha da miséria, e negra como breu!...  
As creancinhas, neve, escuta: teem medo  
Ao verem-te tombar da abóboda do céu!...

O' neve, por quem és! As creancinhas teem  
Muito medo de ti e tremem como juncos!...  
Tremem das tuas mãos mais frias que o desdem  
E teus dedos de arminho horrendamente aduncos!...

Neve, pára um momento! Olha como os velhinhos,  
Engelhados, no chão do apagado lar,  
Aconchegam ao peito os rotos casaquinhos!  
Neve, pára um momento! Eu ouço-os tiritar!

Neve, não caias mais!... Ao vento teu irmão  
E à chuva tua irmã suplica-lhes clemência  
P'ra todo o desgraçado, e débil ancião,  
E pequeninos nús — os anjos da inocência!

Novembro de 1930.

DELFINO DE VIMARANES.

como apertinentes ao fim a que visamos, e que por nós serão recebidos e atendidos com todo agrado.

\*

Carece a Sociedade também de promover o que verdadeiramente se denomina a *instrução popular*, por meio de

a) conferências;  
b) sessões de propaganda nos centros de mais densa população operária e agrícola, mas imperativamente restrictas ao objectivo em vista, ou seja a instruir e a educar;

c) contratando ou realizando sessões cinematográficas com temas exclusivamente instrutivos e moralizadores;

d) pugnando pelo saneamento das habitações, unindo seus esforços para a luta contra a tuberculose, que neste meio grassa tam desapiedadamente, e velando pelo cumprimento das leis e regulamentos sôbre o trabalho das mulheres e dos menores, condição imprescindível da própria vida nacional;

além do mais que a experiência fôr aconselhando.

E assim proponho:

que, ainda durante a nossa gerência, se realize uma conferência popular de carácter instrutivo, que poderia versar, por exemplo, sôbre higiene, pois se torna urgente combater o alcoolismo e a sífilis nas classes obreiras e dar-lhes salutareos conselhos sôbre a preservação da saúde e as condições físicas do lar;

e se efectue uma sessão de propaganda, nas condições apontadas, em Campelos.

dores que os requisitem. Depois seguir-se-hão os campos de concentração para a batata e o milho.

— Quais as principais causas que dificultam a sua missão?

— Principalmente, a falta de espírito associativo nos nossos agricultores, que lhes não permite auferir toda a enorme serie de vantagens que só a união lhes poderia facultar. Que se liguem à volta do seu Sindicato Agrícola e da sua Associação, e poderão assim, fazer a aquisição de adubos em muito melhores condições de preço e de pureza e uzar máquinas que, pelo seu custo relati-

vamente elevado, não lhes vale a pena adquirir isoladamente.

E meu bom amigo, sem boas sementes, bons adubos e boas máquinas, não há possibilidade de progresso na lavoura,

Calçado para quarto; grande sortido de calçado de palica. Sapatos de cabedal com sola crepe para senhora a 24\$00. Sapatinhos de verniz, bébé, desde 6\$00. Sapatilhas e sapatos de borracha. Só na Casa Martins.

## ‘ESQUIVA,,

Acaba de ser posto à venda um novo volume do sr. dr. João Aires de Azevedo — «Esquiva», drama em dois actos.

Depois do invulgar successo da formosa novela «Elena», esta nova produção literária do tradutor de Mitral vai ter, certamente, um acolhimento caloroso.

Pela nossa parte, logo que a tenhamos lido, o que ainda não pudemos fazer, diremos da impressão colhida.

Por agora limitamo-nos a annunciá-la, para que os nossos leitores não deixem de adquirir um livro que, a julgar pelas brilhantes precedentes do seu autor, há de ser uma obra de elevados conceitos morais.

## Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranesense

REUNIÃO EXTRAORDINARIA DA ASS. GERAL

### CONVITE

Por ordem do Sr. Presidente da Assembleia Geral, convido os sócios desta colectividade a reunirem-se no Salão Nobre desta Associação, no próximo dia 11 de Dezembro, pelas 21 horas, a fim de se proceder à eleição dos corpos gerentes para 1931.

Se não comparecer numero legal de sócios, fica desde já feita nova convocação para o dia 14 do mesmo mês, pelas 9 horas, funcionando então com qualquer numero de sócios e à hora indicada.

Guimarães, 25 de Novembro de 1930.

O 1.º Secretário da Assembleia Geral,

Fernando Ramos.

### AVISO

O recenseamento encontra-se à disposição de todos os sócios, na secretaria da Associação, para ser consultado, todos os dias úteis, das 20 às 21 horas, até ao dia 10 de Dezembro.

Não podem tomar parte nesta Assembleia Geral os sócios que não tenham pago integralmente as suas jóias e os que não estejam em dia com a sua cotisação, como determina a alínea F) do Art.º 10.º dos Estatutos: *O que deixar de pagar a importância de três còtas mensais.*

São, portanto, avisados todos os sócios de que têm de regular a sua situação até ao dia 10 de Dezembro, sendo, depois dessa data, os livros fechados, até que passe o acto eleitoral.

Guimarães, 25 de Novembro de 1930.

A Direcção.

## CASA DAS GRAVATAS

O mais completo sortido no género.

Sempre as últimas Novidades. Vejam os nossos preços.

Louças e artigos para brinde  
O mais completo sortido  
Casa Martins

Para a História da Penha

Provisão

D. João por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa senhor de Guiné &c.ª Faço saber a vós corregedor da comarca de Guimarães que havendo respeito ao que me representou frei Joaquim de santo Elias religioso professo da terceira ordem de Nossa Senhora do Monte Carmello assistente no hospicio de Nossa Senhora da Penha sobre a violencia que lhe fizeram os religiosos da ordem de Sam Jeronymo do convento da Costa desapossando-o violentamente da capella da mesma Senhora e mais pertenças, e visto tudo o que me representou e o que constou das vossas informações ouvindo o prior do convento da Costa e resposta que deu o procurador da Coroa sendo ouvido, Hei por bem e vos mando metteis ao supplicante de posse da dita capella, hospicio e mais pertenças e no mais que pede poderá usar dos meios mais ordinarios El Rei nosso Senhor o mandou pelos doutores Gregorio Pereira Fidalgo da Silveira e Antonio Teixeira Alves ambos do seu conselho e seus desembargadores do paço João de Medeiros Teixeira a fez em Lisboa ocidental a tres de Abril de mil setecentos e trinta e dois Gonçalo Francisco da Costa Sotto Maior a fiz escrever || Gregorio Pereira Fidalgo da Silveira || Antonio Teixeira Alves ||. Por despacho do desembargo do paço do primeiro de Abril de mil e setecentos e trinta e dois || Por El Rei ao corregedor da comarca de Guimarães ||.

Distribuida cumpra-se || Barreto || A Costa Guimarães vinte e dois de Junho de mil e setecentos e trinta e dois || Barbosa ||. Cumpra-se e registre-se. Guimarães vinte e quatro de Fevereiro de mil e setecentos e trinta e quatro anos || Almeida.ª

«Auto de Posse» de restituição da capella e todas suas pertenças da Senhora da Penha na serra de Santa Catharina

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e trinta e dois annos aos vinte e tres dias do mez de Junho do dito anno n'este monte de Santa Catharina adonde eu escrivão fui vindo com Joseph Dias Paiva meirinho d'esta correição, para effeito de restituirmos e darmos posse a frei Joaquim de Santo Elias religioso professo da terceira ordem de Nossa Senhora do Monte Carmello em nome e como procurador do reverendissimo frei Jaime de Sam Paio provincial eleito da ordem de Nossa Senhora do Carmo n'este reino e senhorios de Portugal e Algarves, e mais definidores assignados na procuração que me apresentou feita a vinte e outo dias do mez de maio d'este presente anno assignada pelo dito Provincial que lhe reconheço a letra e por virtude da dita procuração e da provisão que me apresentou por me sahir distribuida lhe fomos dar posse da dita capella hospicio e de todas as suas pertenças e logo elle dito frei Joaquim de Santo Elias entrou na capella e hospicio de Nos-

COLUMBANO E OS SEUS MODELOS

Há poucos dias inaugurou-se em Lisboa, no Museu de Arte Contemporânea, uma sala de quadros exclusivamente devidos ao pincel de Columbano Bordalo Pinheiro, que foi um pintor extraordinário e um cidadão modelar. Grande Artista não se serviu da sua Arte para fins menos nobres. A poalha doirada do sucesso deixava-o indiferente. Foi um beneditino cheio de humildade, dedicando-se à sua arte e servindo-a com uma devoção e um respeito nunca um instante desmentidos. Graças ao seu genio e à sua probidade, Columbano é uma das glórias da pintura portuguesa e, sem dúvida, o maior pintor português do séc. XIX até hoje. Mas não é apenas isso: Columbano foi também o último pintor peninsular. A sua arte tão profunda, e na aparência tão simples, vai entroncar nos mestres espanhóis, sobretudo em «el Greco», Velasquez e Zurbaran. E, se é certo que Columbano não tinha na sua paleta as côres bizarras de Zuloaga, nem o alarde peninsular dos seus «toreros de pueblo» que com as castanholas e o baile marcam para as pessoas miopes toda a alma de Espanha, em compensação, os seus quadros refletem uma vida mais funda e mais nobre de que as pessoas superficiais não se apercebem.

De entre os espanhóis Greco, Velásquez e Zurbaran, é o segundo, decerto pelo sangue português que circulava nas veias de Velásquez, aquele com quem Columbano mais afinidade tem.

No nosso país toda a gente hoje reconhecia o excepcional talento de Columbano; mas não pensam senhores que a sua vida deslisou muito afortunada e fácil... Longe disso! Ainda poucos dias antes de morrer, uma comissão de intellectuais e artistas foi pedir ao governo uma pensão para que o grande artista pudesse viver medianamente.

Era Columbano ainda novo quando teve a felicidade de ganhar uma medalha de ouro no Salão de Paris. Ao dizer a felicidade, não julguem que exagero, porque em Portugal, se alguém tiver um talento vigoroso e independente,

sa Senhora da Penha do Monte do Carmo e n'ella entrou e passou e venerou e entrou na egreja e abriu a porta da sacristia com a chave que della tinha ainda que achou quebrada e sempre abriu com chave e a tornou a fechar e pegou nos castiçais e os tornou a por na capella maior e logo veio aos dois altares colaterais e os alimpou das teas de aranha e sacudiu e por toda a mais capella passou por ella e não fechou as portas da capella por as não ter e lha terem tirado d'ella e logo foi á casa que serve de cozinha e abriu a porta della com a chave que tinha e a tornou a fechar, e logo foi ao patio em cima e pegando em telha e tirando-as e pondo-as e pegando em pedras eervas e de tudo tomou posse e logo veio á casa e lapa que serve de adega e achamos a porta arrombada, e dentro achamos uma cuba esborrachada e das leivas pegou em uma e outras e de uma tulha abriu a porta d'ella e a tornou a fechar e passou de uma

só depois de o estrangeiro o dizer, a imprensa e o mundo official transigem em reconhecer-lho. Portugal é o paraíso da mediocridade, e da espezteza.

A sensibilidade e a intelligência de descobrir os seus homens de valôr, e até os alheios, antes que os estrangeiros lh'os apontem, possuem-nas os franceses como ninguém.

E, ainda que o não pareça, esta intuição, é uma das causas da prosperidade da França e da fascinação que Paris exerce no mundo.

Pois foi também Paris, a cidade dos braços abertos, que consagrou Columbano em Portugal.

Tem a Espanha muitos e bons pintores; Portugal alguns possui também; mas, com Columbano morreu o último grande intérprete da complexa e misteriosa raça ibérica.

Para Columbano, era um verdadeiro deleite pintar os retratos dos intellectuais e dos artistas: Eça de Queiroz, o subtil e fino novelista dos *Maias*; Antero de Quental, que foi talvez, no século XIX o maior sonetista do mundo; Oliveira Martins, o cronista eminente da Civilização Ibérica; os presidentes da República; Teófilo Braga, o sábio infatigável, tão característico com o seu inseparável guarda-chuva, e tão modesto que nunca deixou de fazer o trajecto da sua casa humilde ao palácio presidencial no democratico electrico; o íntegro e desinteressado António José de Almeida, que com a sua palavra eloquente tanto contribuiu para a implantação da República; Teixeira Gomes, artista e *dandy* que cêdo se fatigou das mesquinhas lutas políticas, todos figuram na sua extensa galeria de homens illustres.

Ter um retrato pintado por Columbano era uma honra muito desejada pelos homens e temida pelas mulheres: as tintas dramáticas da sua paleta desagradavam às mulheres bonitas... e às feias também, porque os pinceis do artista não sabiam fazer madrigais.

Américo Durão.

parte para a outra e tornou a fechar a porta com a chave que levava, e logo fomos á lapa que servia de estrebaria de bestas e della ainda que alagada della tomou posse tomando pedras e pondo-as como também tomou posse de todas as devesas de devesas e castanheiros pertencentes á dita propriedade da capella pegando em ramos e tendo-os e passeiando por uma parte para a outra e logo fomos á horta e pomar e nella entremos e logo começou de passeiar de baixo para cima e de cima para baixo pegando em ramos e ameixoeiros? e pedras e terra e pedras e de tudo tomou posse como também tomou posse de duas poças pertencentes á dita propriedade abrindo-as e fechando as, e guiando a agua para a dita horta e pomar, como também do jardim que está ao pé da penha dahi tomou ramos e terra, como também fomos á devesa que se acha cortada e dos pés della e dos chãos tomou posse pegando em

Raúl Brandão

Já estava composto este número quando nos surpreendeu a brutalíssima noticia do falecimento de Raúl Brandão, glorioso nome das letras pátrias, primeiro entre os primeiros. Não podêmos, por isso, prestar hoje ao homem extraordinário que a morte impiedosamente roubou ao País a homenagem condigna, limitando-nos a deixar bem expressa a profunda emoção, a mágua indizível que sentimos ao ver que desaparece uma das mais illustres e mais dignas e mais nobres figuras portuguesas.

Ficará essa homenagem para o próximo número, no qual inseriremos um notabilíssimo artigo de Eduardo de Almeida sobre o genial escritor.

Antes de efectuar qualquer seguro de VIDA, ACIDENTES, contra INCENDIO, ou MARITIMOS, consulte a FIDELIDADE

Companhia de Seguros quasi centenária e a mais conceituada de Portugal, fundada em 1835. As suas acções estão cotadas em 16 CONTOS, CADA.

Agente em Guimarães

Manuel Alves de Oliveira  
Rua de Egas Moniz, 87

mentos e terra, como também da fonte para seu uso, de tudo tomou posse quieta e pacificamente á minha vista e do meirinho e das testemunhas que presentes estavam sem constrangimento de pessoa alguma por não haver quem o impedisse e eu escrivão lha dei por commissão do doutor corregedor e n'ella ficou incorporado e investido e incorporado sem contradicção de pessoa alguma e lha houve por dada tanto quanto em direito devo e posso e Sua Magestade manda em suas leis e provisões e lh'a houve por dada e rectificada a que d'antes tinha tomado judicialmente e para constar fiz este auto que elle assignou com o meirinho Joseph Dias Paiva sendo a tudo testemunhas João Pereira mestre barbeiro morador no Campo da Feira e Manuel da Silva meu familiar e Domingos solteiro creado de Senhorinha Francisca viuva da freguezia da Costa que todos aqui assignaram comigo Jeronymo Ribeiro da Cruz que o escrevi || e assignei || Hye-ronimo Ribeiro da Cruz || Frei Joaquim de Santo Elias || Manuel da Silva || João Pereira Nepto || De Domingos solteiro uma cruz || Joseph Dias de Oliveira Paiva ||.

João Lopes de Faria.

(Continua).

**CASA DAS GRAVATAS**  
**DIAS & CARVALHO, LIMITADA**

Sortido completo de artigos de camisaria e chapelaria. Lãs, calçado de agasalho e um grande sortido de casacos de malha, nas cores mais variadas e modernas.

**VISITEM ESTA CASA!**

**Oliveira & Silva, Sucessor**  
 28, Praça D. Afonso Henriques, 31  
 GUIMARÃES

Panos para casaços, tecidos de lã para vestidos, Lãs dos Pirineus, veludos lisos e fantasia. Peles, lã em fio, lúvas

**CASA HIGH-LIFE**  
 MODAS CAMISARIA GRAVATARIA

Lúvas, colarinhos, meias, peúgas, perfumarias, sêdas, sultanas, foulares, crêpes, setins, artigos de bordar, tecidos de lã lisos e fantasia, malhas, rendas, echarpes, véus, miudezas diversas, bôlsas, castúres, sombrinhas em cores e preto, bretanhas e muitos mais artigos de que só nesta casa se encontra um grande sortido a preços muito reduzidos.

**SEMPRE NOVIDADES. VENDAS SÓ A DINHEIRO.**

**V A G O**

Papelaria - Perfumarias - Tabacos  
 Gramofones e discos - Radiotelefonía  
 Papeis de embalagem - Fio - Papelão

**CASA IDEAL**  
 JOAQUIM LEITE MONTEIRO

28, Rua 31 de Janeiro, 30 - Telefone 181 - GUIMARÃES

**CASA DE SANTA TERESINHA**  
 122, Rua da República, 122-A  
 GUIMARÃES

Papelaria e Livreria - Artigos religiosos - Objectos de escritório  
 Estampas, Oleografias, Registos de Santos, Lembranças para a 1.ª Comunhão, Livros de Missa, Devocionários, Postais ilustrados, Artigos para pintura, Tintas laváveis, Aguarelas, etc. Brinquedos, Sabonetes, Perfumarias, Pasta e escovas para dentes, Estatuetas ornamentais, Imagens religiosas, Crucifixos, Relicários, Fias para água-benta, Terços, etc. Executam-se desenhos em todos os géneros.

**ALFARATARIA DE RIBEIRO, FILHO**

*participa aos seus clientes e amigos que acabou de receber um enorme sortido de artigos de inverno, em lindos padrões.*

**Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudos, etc.**

9, Largo da Misericórdia, 10 - Telefone 177 - GUIMARÃES

**V A G O**

**CASA REBELO**  
 117 - Praça D. Afonso Henriques - 118  
 GUIMARÃES

Completo sortido em tecidos próprios para a estação de inverno. a preços baratíssimos. Fazendas brancas e miudezas.

**Visitem esta casa**

**CASA MARTINS**  
 A CASA DAS MEIAS

Sempre as últimas novidades, o maior sortido, para *Senhora, Homem e Criança*. Camisas para Homem e Senhora. Popelines, Zefires e Percais para Camisas. Gravatas, Chapeus, Sombrinhas, Malinhas, Artigos de bordar, Bordados e Rendas. Calçado para quarto. Secção de Louças, Tapetes, Brinquedos e Artigos para brinde.

**Bom, Bonito e Barato**  
 Só na Casa Martins. A Casa das Meias.

**Francisco Ribeiro de Castro**

Papelaria e objectos de escritório - Perfumarias - Tabacos  
 Representante em Guimarães e norte de Portugal das Canetas Conklin - Endura

<b>Casa das Novidades</b> Rua da República, 103-A e 105-A Rua Gravador Molarinho, 1 e 3	<b>Artigos fotográficos</b> Telefone n.º 149 <b>GUIMARÃES</b>	<b>Papelaria Central</b> FILIAL Praça D. Afonso Henriques, 12 e 13
---	---	--